

## ENSAIOS



### Manoel de Oliveira ou o cinema original

**José de Matos-Cruz**

UM ESTRANHO efeito repercutiu o fenómeno de Manoel de Oliveira, consagrado em todo o Mundo, sobretudo a partir da última década do século passado: as suas referências pessoais e culturais converteram-se numa espécie de parâmetro confluyente com o próprio cinema português. Desde finais dos anos '20, Oliveira ousara um percurso estético, temático e artístico com a sua carreira, exemplar e excepcional. Assim sobressaem o rosto e o vulto de um homem complexo, intenso, cuja matriz de criador se delimita entre a sensibilidade e a veterania, através de olhares, intuições, deixando transparecer uma sublimação ritual de ironia e serenidade.

Manoel Cândido Pinto de Oliveira nasceu no Porto, a 11 de Dezembro de 1908 (mas foi registado no dia seguinte), numa família da alta burguesia industrial (lâmpadas eléctricas *Hércules*; Hidro-Eléctrica de Portugal - no Rio Ave, Ermal - sobre a qual fez o curto documentário «Hulha Branca», por 1930), influente no ramo têxtil - sector de passamanaria - com a Fábrica 9 de Julho. Fez estudos primários no Colégio Universal do Porto, e prosseguiu num Colégio em La Guardia, Galiza (Espanha), a cargo dos Jesuítas. O pai, Francisco José de Oliveira, levava-o a ver fitas de Charles Chaplin e Max Linder.

Oliveira sonhou, então, ser actor cómico. Mas foi como desportista (ginástica, natação, remo; atletismo - campeão de salto à vara; automobilismo - venceu um dos circuitos da Gávea/Rio de Janeiro) que o seu nome primeiro adquiriu notoriedade, com o irmão mais velho Casimiro de Oliveira, ganhando inúmeros prémios em Portugal, Espanha e Brasil. Viveu uma juventude algo boémia, chegando a fazer um número de trapézio amador, nas festas anuais do Sport Club do Porto. Apaixonado pela aviação, logrou experiência de piloto acrobático. Em 1927, assumiu uma actividade profissional, repartida pela indústria, com o pai, e pela agricultura.

Logo interessado pelo cinema, e presente no imaginário nacional desde finais da década de '20 - quando se afirma a primeira geração de realizadores nossos, e as fitas passam a ser faladas - assinalaria como autor um peculiar itinerário temático, criativo, libelatório, estético e estilístico.

Académico, fulgurante, pedagógico. Insólito, insinuante, ao patentear uma extraordinária capacidade com que capta tendências, impressões. Modelando-as de modo subtil, com lucidez e talento, ao seu mundo interior de expectativas, valores, inquietações.

O impedimento, a exclusão ou a indiferença oficial, designadamente através do Fundo do Cinema, quase chegaram a afastar Oliveira da actividade a que dedicaria a sua vida. Até lhe ser permitido desenvolvê-la de um modo que, incomparável desde sempre em Portugal, poucos exemplos semelhantes tem noutros países: um filme dirigido em cada doze meses, sendo também argumentista; todos estreados por cá, com sucesso e prestígio em festivais lá fora. Muito se vem questionando sobre o que o faz correr, e onde vai buscar tanto dinamismo. Ele próprio adiantou respostas, não isentas de sarcasmo e simbolismo: “As árvores, à medida que envelhecem, dão mais frutos!”

Ao distinto atleta que foi, na sua adolescência, Oliveira impôs a maturidade e a aprendizagem árdua duma carreira de fundo. Porventura - entre os estímulos da iconografia e os signos da lenda - superando-se por não ter, apenas, uma meta específica! A partir dos anos '70, acumularam-se os galardões e os louvores, tal como se reacenderam polémicas - sobre um percurso que, remontando às origens do cinematógrafo, se perspectivaria na vanguarda dos audiovisuais. “Na minha cabeça há um turbilhão de ideias, de projectos. Mesmo que me proporcionem facilidades, a minha vida não será suficiente para concretizar tudo isso”...

Virtualizando um repositório actual de angústias, emoções, que é, simultaneamente, premonitório e de compromisso, Manoel de Oliveira traça, afinal, os estigmas do seu próprio imaginário - puro e tremendo, inocente ou monstruoso, poético e solene, insolente ou expiatório, em que o tributo ancestral acaba por transfigurar, além do testemunho sobre as adversidades, as marcas cintilantes quanto ao futuro. “Tudo é memória, tudo resta na memória. E a memória da vida é a arte, que existe como representação. Todos somos actores e espectadores - estamos isolados mas, ao mesmo tempo, em sociedade”. Eis um artista exposto, na plenitude do génio e da perplexidade.

### **Através dos filmes**

Manoel de Oliveira foi desde muito novo motivado pelo cinema, *imaginando* ou passando para papel a *découpage* dos filmes. Com vinte anos, delineou *9 de Abril* (mais Alberto Serpa), e inscreveu-se na Escola de Actores de Cinema, fundada no Porto por Rino Lupo, aparecendo - com o irmão Casimiro - num filme deste realizador, como figurante: *Fátima Milagrosa* (1928); sob o pseudónimo de Rudy Oliver, participou no concurso *Uma Estrela e Um Astro da Arte Cinematográfica*, que Lupo organizara na revista «Arte Muda». Em 1929, concebeu histórias para desenhos animados, a executar com Ventura Porfírio e San-Payo. Nesse ano, o «Cinéfilo» e «O Notícias Ilustrado» em 1931, publicaram fotografias suas - tal como a «Imagem» em 1930, considerando-o “um dos mais fotogénicos cinéfilos portugueses”.

Por 1930, adquirida uma máquina Kinamo, Oliveira filmava já com António Mendes - um guarda-livros que gostava de fotografar - *Douro, Faina Fluvial*, ao longo da margem direita, na passagem do rio pelo Porto; estreado na versão muda em Setembro de 1931, no V Congresso Internacional da Crítica, em Lisboa, provocou contrastadas reacções entre os portugueses (a favor: José Régio, Avelino de Almeida e Adolfo Casais Monteiro) e um aplauso consensual dos estrangeiros (com destaque para o notável Émile de Vuillermoz). A versão musicada (por Luís de Freitas Branco) só teve estreia comercial em 1934, passando a correr mundo.

Em 1933, Manoel de Oliveira voltou como actor, agora destacadamente ao lado de Vasco Santana, em *A Canção de Lisboa* de Cottinelli Telmo, para a recente Tobis Portuguesa, da qual foi um dos accionistas subscritores. Todavia, na década de '30 não passaram do papel *Bruma, Ritmos de Água* (sobre poema de António Patrício), *Miséria, Roda, Luz* (reflexão sobre Walter Ruttmann), *Gigantes do Douro* (documentário), *A Mulher Que Passa, Desemprego*,

*Prostituição*. Em 1938, as actualidades do «Jornal Português», com supervisão de António Lopes Ribeiro, registaram «A II Rampa do Gradil Ganha por Manoel de Oliveira Num Carro Edfor».

Em 1940, Oliveira rodou *Famalicão*, co-escrito e narrado por Vasco Santana, e casou com Maria Isabel Brandão Carvalhais, tendo quatro filhos: o pintor Manuel Casimiro, José Manuel, Isabel Maria e Adelaide Maria. Em 1942, foi lançada sua primeira longa metragem, o mítico *Aniki-Bobó*, inspirado no conto «Meninos Milionários» de Rodrigues de Freitas, com exteriores no Porto e produção de Lopes Ribeiro. Distinguido em 1961 com o Diploma de Honra no II Encontro de Cinema para a Juventude, em Cannes, Oliveira fizera uma rodagem prévia em formato reduzido. Na década de '40, ficaram em projecto *Hino de Paz* (documentário), *Saltimbancos* e *Clair de Lune* (conto de Guy de Maupassant).

Nos anos '50, Manoel de Oliveira pretendeu fazer *Angélica, Pedro e Inês, Vilarinho da Furna* (documentário sobre a obra etnográfica de Jorge Dias), *A Velha Casa/As Monstruosidades Vulgares* (de Régio), *O Bairro Xangai, De Dois Mil Não Passarás, Palco dum Povo* (multifilme) e *O Poeta*. Entretanto, dedicou-se à cultura do Vinho do Porto, nas propriedades de família na região do Douro. Em 1955, deslocou-se à Alemanha - Leverkusen, em estágio nos laboratórios Agfa - para estudar a cor aplicada ao cinema (curso intensivo de fotografia), daí surgindo *O Pintor e a Cidade* (1956), focando o Porto pelo prisma estético de António Cruz.

Em 1957, Oliveira contribuiu, durante a estadia no Porto, para a fotografia de *A Visita a Portugal da Rainha Isabel II da Grã Bretanha*, documentário de Lopes Ribeiro. Em 16 mm e inacabado, ficou *O Filme Sobre José Régio* (para *Palco dum Povo*). Ainda em 1959, concebeu, produziu, dirigiu e fotografou *O Pão*, com uma versão curta em 1964 para a patrocinadora Federação Nacional dos Industriais de Moagem/FNIM. Em 1960, manifestou à «Filme» que, depois de Charlot, tem “uma predilecção especial por John Ford”. Em 1961, um documentário encomendado pela Hidro-Eléctrica do Douro foi suspenso, pelos acontecimentos nas colónias de África.

Em 1962, Manoel de Oliveira concretizou *O Acto da Primavera*, segundo *O Auto da Paixão* por Francisco Vaz Guimarães, galardoado em 1964 com a Medalha de Ouro em Sienna. Sem “motivos bem definidos”, esteve detido pela PIDE, tendo então conhecido Urbano Tavares Rodrigues. Para a Tobis Portuguesa, *A Caça* (1963) perpetuou uma obra-prima ficcional - em curta metragem premiada pela Federação Internacional de Cine-Clubes (1975), em Toulon. Seguiu-se o documentário curto *As Pinturas do Meu Irmão Júlio* (1965), que também produziu e fotografou - em Vila do Conde com o velho amigo José Régio, sobre Júlio dos Reis Pereira. Não chegou ao celulóide *A Mulher do Ladrão*.

Os anos '60 marcaram a consagração de Manoel de Oliveira, a partir de Itália e de França (em 1965, houve uma Retrospectiva da sua obra na Cinemateca de Henri Langlois). Em 1970, produziu, supervisou e montou *A Propósito da Inauguração duma Estátua - Porto 1100 Anos*, de Artur Moura, Albino Baganha e António Lopes Fernandes; em 1971, supervisou *Sever do Vouga... Uma Experiência*, de Paulo Rocha. A partir de 1971, com *O Passado e o Presente* - segundo Vicente Sanches, para o Centro Português de Cinema/CPC - que recebeu os Prémios da Casa da Imprensa à Melhor Realização e à Melhor Fotografia (Acácio de Almeida), Oliveira contraiu uma actividade consequente.

De 1974, é *Benilde ou a Virgem-Mãe*, transposição da peça de José Régio, para a Tobis Portuguesa e o Centro Português de Cinema/CPC. Entretanto, Oliveira renunciou a *O Caminho*, sobre a obra de Régio; *A República* (montagem de filmes de arquivo), e a *O Negro e o Preto* (por desentendimento) de Vicente Sanches. E definiu a série de *amores funestos ou frustrados*. Assim, em 1978, segundo o romance de Camilo Castelo Branco, consumou *Amor de Perdição - Memórias de Uma Família*, que mereceu o Prémio Especial do Júri na Figueira de Foz;

paralelamente, foi produzida uma versão televisiva em seis episódios para a Radiotelevisão Portuguesa/RTP.

De 1981 - adaptando *Fanny Owen* de Agustina Bessa-Luís, sobre as relações entre Camilo Castelo Branco e José Augusto - é *Francisca*; primeira ligação ao produtor Paulo Branco, logrou o Grande Prémio do IPC, além da Medalha de Ouro e do Prémio Vittorio de Sica em Sorrento. Nesse ano, Oliveira fez uma intervenção em *Conversa Acabada* de João Botelho, e foi apontado entre os realizadores que rodariam *Histórias do Norte* para a RTP. *Visita ou Memórias e Confissões* (1982) permaneceria sigilado, como testemunho autobiográfico que apenas pretende revelado na posteridade. Em 1983, retomou a via documental em vínculo televisivo: *Lisboa Cultural* (da série *Capitales Culturelles de l'Europe*) e *Nice - A Propos de Jean Vigo* (de *Un Regard Étranger Sur la France*).

Sobre Paul Claudel, *Le Soulier de Satin* (1985) - que consolidou Luís Miguel Cintra entre os intérpretes favoritos - mereceu o Leão de Ouro no Festival de Veneza (ao Filme e ao conjunto da Obra) e o Prémio L'Âge d'Or da Cinemateca de Bruxelas. Ainda em 1985, Oliveira rodou em França *O Meu Caso/Mon Cas* (1986) - explorando as virtualidades entre teatro, cinema, imaginário e audiovisual - em que se conjugam textos de José Régio, Samuel Beckett e do Antigo Testamento; e assinou *Simpósio Internacional de Escultura em Pedra - Porto 1985* com o filho Manuel Casimiro, manifestação organizada por Ar.Co/Centro de Arte e Comunicação Visual no Palácio de Cristal.

Em 1986, Manoel de Oliveira escreveu *A Carta ou Teatro de Mulheres*; em 1987, *A Estátua*, além de *De Profundis* - baseando-se em conto de Agustina, com poemas de António Nobre, Régio e Fernando Pessoa, enquanto argumento cinematográfico e peça, com que se estreou como encenador no festival A Cidadela do Teatro em Santarcangelo di Romagna, Itália. Ambos aparecem no livro *Alguns Projectos Não Realizados e Outros Textos de Manoel de Oliveira*, publicado pela Cinemateca Portuguesa em 1988. Nesse ano, *Os Canibais* - filme-ópera com libreto de João Pães, sobre o conto homónimo de Álvaro do Carvalho - foi apresentado na Selecção Oficial do Festival de Cannes.

Em 1990, de novo em Cannes, *Non ou a Vã Glória de Mandar* - a partir da guerra colonial em África, um fresco histórico sobre a identidade e a fatalidade pátrias - foi exibido Extra-Concurso na Selecção Oficial, e o cineasta recebeu uma Menção Especial do Júri. Ainda em 1990, Oliveira escreveu o prefácio de um álbum ilustrado sobre *Automóveis até aos anos '40*. Em 1991, revelou *A Divina Comédia* - alegoria numa Casa de Alienados, sagrando textos da Bíblia, de Dostoievski, Nietzsche e José Régio - que mereceu o Grande Prémio Especial do Júri em Veneza. Sobre os últimos anos de Camilo, *O Dia do Desespero* (1992) - de novo interpretado por Mário Barroso, também director de fotografia - motivou um Leopardo de Honra ao Conjunto da Carreira, em Locarno.

Com *Vale Abraão* (1993) - segundo Agustina Bessa-Luís - nas regiões do Douro e da Régua, sendo protagonista Leonor Silveira - Manoel de Oliveira deslumbrou com a história duma mulher de beleza ameaçadora; entre as distinções, o Jaguar de Ouro em Cancún/México, e o Prémio Akira Kurosawa em São Francisco/EUA. Paulo Rocha dedicou-lhe *Oliveira, o Arquitecto* (1993). Em Lisboa, a partir da peça de Prista Monteiro, centrou *A Caixa* (1994) na Mouraria. Em 1994, surpreendeu na *Viagem a Lisboa/Lisbon Story* de Wim Wenders. Em 1995, com inspiração paralela de *As Terras do Risco* de Agustina, dirigiu Catherine Deneuve e John Malkovich em *O Convento* (1995). Evocando a modernidade da sua obra-prima, tornou a *Douro, Faina Fluvial* em 1995, com outro envolvimento musical (de Emmanuel Nunes).

Em 1996, Manoel de Oliveira acolheu Irene Papas e Michel Piccoli em *Party*, com diálogos de Agustina e rodagem nos Açores; e reatou a calorosa estima com Jean Rouch - que o filmou em *Le Patriarche de Noé*, e fez ainda *En Une Poignée de Mains Amies* - curta alusão a um poema de Oliveira. Este aflorou, depois, a sua própria veteranaria em *Viagem ao Princípio do Mundo*

(1997), pelo Norte de Portugal com Marcello Mastroianni; e ironizou a *Inquietude* (1998, sobre histórias Helder Prista Monteiro, António Patrício e Agustina) com Papas; a filha de Mastroianni e Deneuve, Chiara Mastroianni contracenou com Pedro Abrunhosa em *A Carta* (1998) - entre Paris, Pontedera e Lisboa, pela inspiração romântica de *La Princesse de Clèves* de Madame de La Fayette.

Em 2000, Oliveira testemunhou a vida e a obra do Padre António Vieira (1608-1687) - com base privilegiada nas suas cartas, e inclusão de partes antológicas dos seus sermões - entre *Palavra e Utopia*, com Luís Miguel Cintra e Lima Duarte, logrando o Saint Anthony's International Award em Pádua. Em 2001, voltou a convocar Piccoli, Deneuve e Malkovich, estigmatizando as máscaras de um velho actor de teatro, em *Je Rentre à la Maison/Vou Para Casa* - Prémio da Crítica no Festival de São Paulo; e evocou o *Porto da Minha Infância*, berço do cinema português, colocando o neto Ricardo Trêpa entre a nostalgia e a reconstituição - Prémio Cict/UNESCO em Veneza.

Em 2002, Manoel de Oliveira fixou *O Princípio da Incerteza*, a partir de *Jóia de Família* por Agustina Bessa-Luís, sobre a decadência de uma elite social duriense. Seguiu-se *Um Filme Falado* (2003) com Deneuve, Papas, Malkovich e Leonor Silveira, num regresso às raízes da civilização ocidental. Em 2004, perspectivou *O Quinto Império - Ontem Como Hoje*, evocando *El-Rei Sebastião* de José Régio, e que lhe proporcionou um Leão de Ouro à Carreira no Festival de Veneza. Já em 2005, Oliveira reflectiu *A Alma dos Ricos* de Agustina, e um capricho de assistir à aparição da Virgem Maria - em *Espelho Mágico*, distinguido com o Colón de Prata à Melhor Fotografia (Renato Berta) em Huelva.

Numa surpreendente estratégia, Oliveira sagrou, em *Belle Toujours* (2006), o reencontro dos protagonistas de *Belle de Jour* (1967) de Luís Buñuel; em causa e mistério, um segredo guardado pelo homem (Michel Piccoli), cuja revelação é essencial para a mulher (agora, Bulle Ogier). Em 2007, sondou *Cristóvão Colombo - O Enigma*, sobre vida de um médico com paixão pelos Descobrimentos, e aludindo à tese da origem do descobridor da América, no livro *Cristóvão Colón (Colombo) Era Português*, de Manuel Luciano da Silva e Sílvia Jorge da Silva, tendo logrado o Bisato d'Oro em Veneza e a Andorinha à Melhor Longa Metragem Digital em Paraíba/Brasil.

Próximo de celebrar o centenário, Manoel de Oliveira prosseguiu, sob o signo da curta metragem, uma actividade sem restrições, antes matizada pela surpresa e a experimentação, a par com o retomar e a reciclagem de projectos antigos ou suspensos, que a maturidade revitalizaria. Assim, de um convite do Festival de Cannes, a propósito da sexagésima edição, dirigido a trinta e cinco cineastas internacionais, para breves impressões pessoais, surgiu *Cada Um o Seu Cinema/Chacun Son Cinéma* (2007), tendo Oliveira forjado um insólito *Encontro Único/Rencontre Unique*, entre Nikita Krustchev (Michel Piccoli) e o Papa João XXIII (Duarte de Almeida).

Em 2008, baseado em *O Filme Sobre José Régio* (1959), e retomando expectativas a pretexto de aniversário do escritor (1901-1969), Oliveira realizou *O Poeta Doido, o Vitral e a Santa Morta e A Vida e a Morte - Romance de Vila do Conde*, tendo produzido imagens próprias, e em que convergem recitações poéticas por Luís Miguel Cintra... Considerando *As Pinturas do Meu Irmão Júlio* (1965), assim culminaria o multfilme *Palco dum Povo*. Enquanto se degrada a Casa do Cinema Manoel de Oliveira no Porto, obra do arquitecto Eduardo Souto Moura em 2003, entretanto, o cineasta lograria condições excepcionais de um apoio oficial quanto aos próximos filmes.

Em 2009, foi editado *Manoel de Oliveira, Piloto de Automóveis*, por José Barros Rodrigues. Por esta altura, o cineasta realiciava o fascínio dos clássicos, actualizando *Singularidades de Uma Rapariga Loura* segundo Eça de Queirós, através da peculiaridade das emoções e dos afectos, entre Ricardo Trêpa e Catarina Wallenstein. A convite da Fundação de Serralves (Porto),

Oliveira reflectiu, em *Os Painéis de São Vicente de Fora - Visão Poética* (2009), um curto testemunho, humanista e transfigurante, com Trêpa e Diogo Dória, sobre o políptico atribuído a Nuno Gonçalves, pintor do rei D. Afonso V, patente no Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa).

Já em 2010, Manoel de Oliveira converte um dos seus projectos da década de '50 em *O Estranho Caso de Angélica*, focando uma trama evolutiva de vivências e chegadas, na Região do Douro, entre 1950 e a actualidade... Eis os desafios do cinema - para um criador singular mas coerente, e que sublima uma mestria portentosa. Contrastando culturas e mentalidades. Envolvendo técnica e representação. Contrapondo à jovial veterania a curiosidade inata. Concebendo o argumento com perturbadora simplicidade dramática, ou extrapolando as referências literárias. Atribuindo à natureza e à simbologia do enredo uma perfeita correspondência ao imaginário mais pessoal.

### **Homenagens & honrarias**

Ao longo da carreira de Manoel de Oliveira, sucederam-se as homenagens, os preitos e as honrarias, culminando um prestígio mundial. Eis alguns dos mais significativos galardões que lhe foram atribuídos: Homenagem Nacional (1963); Prémio Especial à Carreira – Figueira da Foz (1979); Membro de Honra da Academia Nacional de Belas-Artes, Medalha de Ouro CIDALC (1980); Distinção Especial das Igrejas Protestantes – Berlim, Medalha de Ouro de Sorrento, Realizador do Ano/Viennale (1981); Comenda da Ordem de Mérito da República Italiana, Prémio Vittorio de Sica (1982); Comenda da Ordem de Artes e Letras – França (1983); Leão de Ouro/Veneza, Prémio Numero Uno/Rimini (1985); Taça Gala do Cinema (1986); Presidente de Honra da Cultura Latina/União Latina (1988); Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, Doutor Honoris Causa da Faculdade de Arquitectura – Porto (1989); Leopardo de Honra/Locarno (1992); Prémio à Melhor Contribuição Artística/Tóquio, Se7e de Ouro/Prestígio (1993); Prémio Kurosawa/São Francisco, David de Donatello/Prémio Luchino Visconti, Classe de Mestre/Hong-Kong (1994); Homenagem Nacional, Prémio Consagração de Carreira/Sociedade Portuguesa de Autores, Um Homem do Norte, Prémio Bordalo/Casa da Imprensa – Cinema (1995); Troféu Estudos Fílmicos/Universidade de Coimbra, Medalha de Mérito Cultural – Porto (1996); Homenagem do Júri Ecuménico/Cannes, Prémio Especial à Carreira/Salónica, Grande Oficial de Mérito Nacional pela República e pelo Governo Francês (1997); Prémio Obra de Uma Vida – Jerusalém/Israel, Prémio Casa de Camilo Castelo Branco, Prémio Ennio Flaiano/Pescara, Grande Prémio das Américas/Montréal, Manoel de Oliveira – 90 Anos/Homenagem Nacional, Troféu Nova Gente – Personalidade do Ano (1998); Saint Anthony's International Award – Pádua, Doutor Honoris Causa – Universidade de Pádua, A Tribute To Manoel de Oliveira – Harvard/Yale (2000); Prémio Bresson – Veneza/Vaticano, Grande Medalha de Vermeil – Câmara de Paris, Comenda da Légion d'Honneur – França (2001); Reconhecimento da República Italiana, Doutor Honoris Causa – Universidade Nova de Lisboa, Personalidade do Ano – Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal/AIEP, Prémio Latinidade/União Latina, FIAF Preservation Award, Prémio Mundial das Artes Valldigna – Valencia/Espanha (2002); Carrefour des Littératures – Bordéus, Prémio Melhor Trajectória Artística de um Autor Ibero-Americano – Extremadura/Espanha, Relógio SWATCH, Comandante da Ordem dos Ouissem Alouite – Marrocos (2003); Grã-Cruz da Ordem de Mérito da República Italiana – Roma, Presidente de Honra/Festival Black & White/Porto, Prémio Negroamaro/Carreira – Salento/Itália, Prémio Mediterraneo/Carreira – Grado/Trieste, Leão de Ouro à Carreira/Veneza, Prémio Cineuropa – Galiza; Homenagem Humanidade – São Paulo; Rã de Ouro – CareImage/Lodz (2004); Medalha de Ouro/Circulo de Belas Artes de Madrid, Comendador da Legião Honra – República Francesa, Prémio Internacional da Fundação Libero Bizzarri – Itália, Prémio Cidade de Huelva (2005); Annualia 2005-2006; Prémio Carreira – Fantasporto, Prémio Don Quijote – Federação Internacional de Cine-Clubes/FICC, Prémio Europa – David Mourão-Ferreira/Mito – Universidade de Bari/Itália, Medalha DN – Grandes Figuras Portuguesas, Sócio Nº 1 – Alliance Française – Porto (2006); Prémio de Cultura Padre Manuel Antunes – Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura/Igreja Católica, Silver Legacy Award – American Film Institute, Professor Honorário da Academia de Cinema

Europeu/Evropska Filmska Akademija/ESRA Skopje – Macedónia (2007); Doutor Honoris Causa – Universidade do Algarve, Membro Honorário da Academia das Ciências de Lisboa, Homenagem CTT – Selos de Correio, Prémio Terenci Moix – Barcelona, Medalha de Ouro de Belas Artes – Espanha, Palma de Ouro à Carreira – Cannes, Prémio Mundial de Humanismo – Academia do Humanismo da Macedónia, Prémio Fondazione Fellini, FIKE 2008 – Évora, Alfa Pendular Manoel de Oliveira – CP, Medalha de Mérito Cultural, Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, Dragão de Honra, Estúdio Manoel de Oliveira – Tobis Portuguesa (2008); Berlinale Kamera – Festival de Berlim, 100 MO – 2009 Vinho do Porto Reserva Portalinho; Globo de Ouro de Mérito e Excelência, As Catedrais Literárias Europeias – Associação Cultural Eureka/Roma, Doutor Honoris Causa – Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Insígnia de Honra – Academia Nacional de Belas-Artes (2009).

## **Filmografia de Manoel de Oliveira**

### **Realizador:**

DOURO, FAINA FLUVIAL (1931 – e P)\*UMA FEIRA NA MAIA (1931 – não creditado pelo R)\*ESTÁTUAS DE LISBOA (1932 – e F)\*HULHA BRANCA/EMPRESA HIDRO-ELÉCTRICA DO RIO AVE (1932)\*OS ÚLTIMOS TEMPORAIS – CHEIAS DO TEJO (1937 – não creditado pelo R)\*MIRAMAR, PRAIA DAS ROSAS (1938 – e PExec)\*PORTUGAL JÁ FAZ AUTOMÓVEIS (1938 – e PExec)\*FAMALICÃO (1940)\*ANIKI-BOBÓ (1942)\*PALCO DUM POVO (anos '50 – multfilme – in)\*O PINTOR E A CIDADE (1956 – Prémio do SNI à F, e P)\*O CORAÇÃO (1958 – in – e P, e F)\*O FILME SOBRE JOSÉ RÉGIO (1959 – in – e P, e F)\*O PÃO (1959 – e P, e F)\*HIDRO-ELÉCTRICA DO DOURO (1961 – in)\*O ACTO DA PRIMAVERA (1962 – e P, e F, e S, e Voz)\*A CAÇA (1963 – e PExec, e F, e S)\*O PÃO (1964 – e P, e F)\*VILLA VERDINHO – UMA ALDEIA TRANSMONTANA (1964 – e F, e Voz)\*AS PINTURAS DO MEU IRMÃO JÚLIO (1965 – e P, e F)\*O PASSADO E O PRESENTE (1971 – Prémio da SEIT – e P)\*BENILDE OU A VIRGEM-MÃE (1974)\*AMOR DE PERDIÇÃO – MEMÓRIAS DE UMA FAMÍLIA (1978 – e Voz)\*FRANCISCA (1981)\*VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES (1982 – e Part)\*LISBOA CULTURAL/LISBONNE CULTURELLE (1983 – SR tv CAPITAIS EUROPEIAS DA CULTURA/CAPITALES CULTURELLES DE L'EUROPE)\*NICE – A PROPOS DE JEAN VIGO (1983 – Sr UN REGARD ÉTRANGER SUR LA FRANCE)\*SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA – PORTO 1985 (1985)\*LE SOULIER DE SATIN (1985)\*O MEU CASO/MON CAS (1986)\*A PROPÓSITO DA BANDEIRA NACIONAL (1987 – e P, e F)\*OS CANIBAI/LES CANNIBALES (1988)\*NON ou A VÁ GLÓRIA DE MANDAR/NON ou LA VAINÉ GLOIRE DE COMMANDER (1990 – e Voz)\*A DIVINA COMÉDIA/LA DIVINE COMÉDIE (1991 – e Ac)\*O DIA DO DESESPERO/LE JOUR DU DESESPOIR (1992)\*VALE ABRAÃO/LE VAL ABRAHAM (1993)\*A CAIXA/LA CASSETTE (1994)\*O CONVENTO/LE COUVENT (1995)\*EN UNE POIGNÉE DE MAINS AMIES (1996 – e T, e Voz)\*PARTY (1996 – Globo de Ouro)\*VIAGEM AO PRINCÍPIO DO MUNDO/VOYAGE AU DEBUT DU MONDE (1997 – e Ac)\*INQUIETUDE (1998 – Globo de Ouro 98 – e Ac)\*A CARTA/LA LETTRE (1999 – Prémio Especial do Júri em Cannes 99)\*PALAVRA E UTOPIA/PAROLE ET UTOPIE (2000 – Saint Anthony's International Award – Pádua 2000, Melhor Realizador – Huelva 2000, Globo de Ouro 2000)\*JE RENTRE À LA MAISON/VOU PARA CASA (2001)\*PORTO DA MINHA INFÂNCIA (2001 – e Ac)\*MOMENTO – UMA CANÇÃO DE PEDRO ABRUNHOSA (2002)\*O PRINCÍPIO DA INCERTEZA/LE PRINCIPE DE L'INCERTITUDE (2002)\*UM FILME FALADO/UN FILM PARLÉ/UN FILM PARLATO (2003)\*O QUINTO IMPÉRIO – ONTEM COMO HOJE (2004)\*ESPELHO MÁGICO (2005)\*BELLE TOUJOURS (2006)\*DO VISÍVEL AO INVISÍVEL (2006 – Sr TRÊS RETRATOS DO BRASIL)\*O IMPROVÁVEL NÃO É IMPOSSÍVEL (2006)\*CRISTOVÃO COLOMBO – O ENIGMA (2007 – e Ac)\*RENCONTRE UNIQUE (2007 – Sr CHACUN SON CINÉMA/CADA UM O SEU CINEMA ou CE PETIT COUP AU COEUR QUAND LA LUMIÈRE S'ÉTEINT ET QUE LE FILM COMMENCE)\*DOCUMENTÁRIO SOBRE RÉGIO (2008 – e P)\*O POETA DOIDO, O VITRAL E A SANTA MORTA (2008 – e P)\*A VIDA E A MORTE – ROMANCE DE VILA

DO CONDE (2008 – e P)\*OS PAINÉIS DE SÃO VICENTE DE FORA – VISÃO POÉTICA (2009)\*SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOIRA (2009)\*O ESTRANHO CASO DE ANGÉLICA (2010)\*OS INVISÍVEIS (2010 – Proj).

**Actor:**

FÁTIMA MILAGROSA (1928)\*A CANÇÃO DE LISBOA (1933)\*CONVERSA ACABADA (1981)\*VIAGEM A LISBOA/LISBON STORY (1994).

**Testemunhos:**

MANOEL DE OLIVEIRA – O POÇO DA MORTE (1974)\*MANOEL DE OLIVEIRA – ÉCRAN (1981)\*OLIVEIRA, O ARQUITECTO (1993 – Sr tv CINÉMA, DE NOTRE TEMPS)\*DE GRIFFITH A... (1994)\*GÊNESE (2002 – Sr O NOSSO CASO)\*POR OUTRO LADO... (2002 – Prog tv)\*A VERDADE INVENTADA (2006)\*MANOEL DE OLIVEIRA – O CASO DELE (2007 – Tvf)\*ANIKI IN DA HOUSE/ANIKI NA CASA (2008)\*IMERGIR (2008)\*UM DIA NA VIDA DE MANOEL DE OLIVEIRA/UN JOUR DANS LA VIE DE MANOEL DE OLIVEIRA (2008)\*MANOEL DE OLIVEIRA – GRANDE ENTREVISTA (2009 – ProgTv – Part)\*QUEST – MANOEL DE OLIVEIRA (2008-09).

**Vários:**

AUTOMOBILISMO: A II RAMPA DO GRADIL, GANHA POR MANOEL DE OLIVEIRA, NUM CARRO EDFORD (1938 – Sr JORNAL PORTUGUÊS – 2 – Part)\*A VISITA A PORTUGAL DA RAINHA ISABEL II DA GRÃ BRETANHA (1957 – Fot)\*A PROPÓSITO DA INAUGURAÇÃO DUMA ESTÁTUA – PORTO 1100 ANOS (1970 – Sup, e Arg, e ProdExec)\*SEVER DO VOUGA... UMA EXPERIÊNCIA (1971 – Sup)\*PATHÉ-RIVUS – MAGAZINE – 9 (1972 – Part)\*RETRATO DE UM CINEASTA QUANDO JOVEM (1976 – Sr tv RETRATO)\*AMOR DE PERDIÇÃO – EPISÓDIO ZERO (1978 – Tvf – Part)\*ESPECIAL CANNES: 50 ANOS DE FESTIVAL (1997 – Tvf – Part)\*LE PATRIARCHE DE NOÉ (1996 – Part)\*MARCELLO MASTROIANNI: MI RICORDO, SI, IO MI RICORDO (1997 – Part)\*BOUILLON DE CULTURE (1998 – ProgTv – Part)\*MEMÓRIAS DO CINEMA PORTUGUÊS (2002 – Sr tv CRÓNICA DO SÉCULO – Part)\*24 HORAS EM... LISBOA (2003 – Sr tv 24 HORAS EM... – Part)\*AGOSTINHO DA SILVA – UM PENSAMENTO VIVO (2004 – Tvf – Part)\*JE T'AIME... MOI NON PLUS – ARTISTES ET CRITIQUES (2004 – Part)\*AGUSTINA BESSA-LUÍS – NASCI ADULTA, MORREREI CRIANÇA (2005 – Tvf – Part)\*A 15ª PEDRA – MANOEL DE OLIVEIRA E JOÃO BÉNARD DA COSTA EM CONVERSA FILMADA (2005 – Part)\*CONVERSAZIONI A PORTO (2006 – Part)\*JOÃO BÉNARD DA COSTA – NO TEMPO DO CINEMA (2006 – Sr tv VIDAS – Part)\*OLHAR O CINEMA PORTUGUÊS (2006 – Part)\*A VÁ GLÓRIA DA MEMÓRIA/THE VAIN GLORY OF MEMORY (2007 – Test)\*AZEITONA (2008 - Inspir). ■